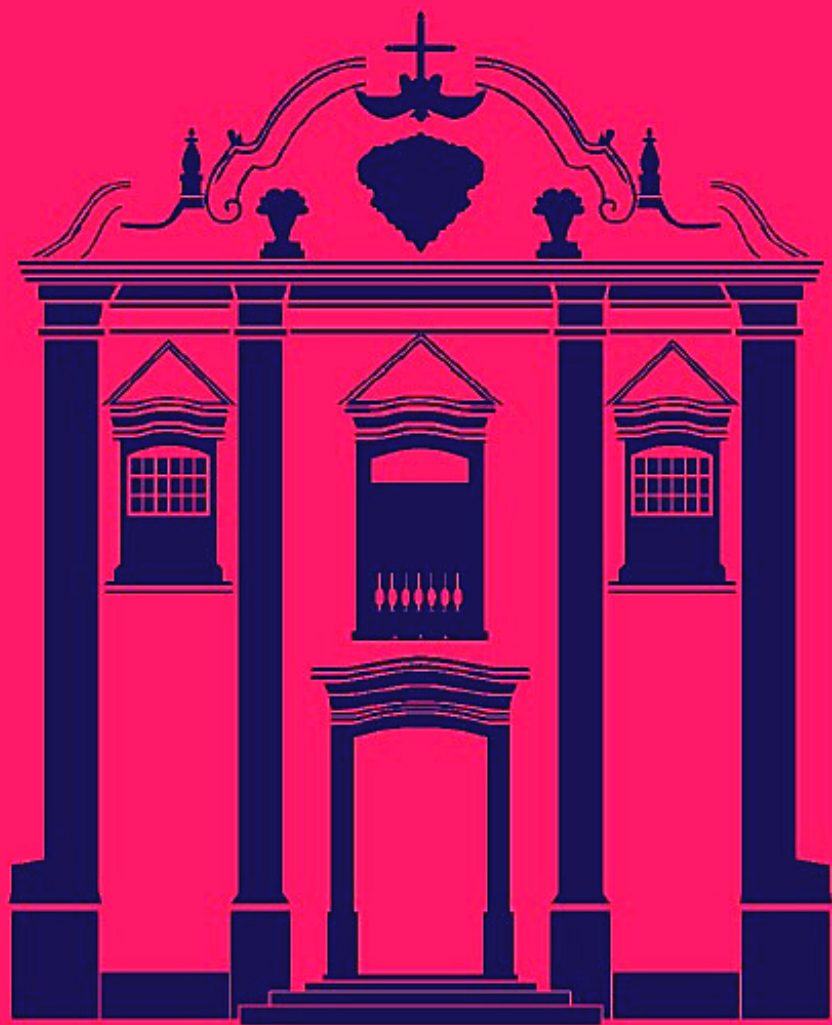


DIÁRIO DE GOIÁS



A CIDADE...

Goiás, minha cidade...

*Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
umas das outras.*

*Eu sou aquela menina feia da ponta da
Lapa.*

Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher

*que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos
tristes*

[...]

u sou estas casas

Encostadas

cochichando umas com as outras.

[...]

*Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados,
lacerados.*

Queimados pelo fogo.

Pastados.

Calcinados e renascidos.

*Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes*

- Cora Coralina



1722 NASCIMENTO GOIÁS VELHO

O estado de Goiás fazia parte do percurso dos bandeirantes no período de colonização no Brasil, sendo que as expedições tinham como intuito explorar em busca de minerais e outras em busca da captura de indígenas.

Em 1722, fatos históricos relatam que Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como Anhanguera, organizou uma expedição para exploração de um novo território, a procura de ouro, o qual foi encontrado e explorado nas margens do Rio Vermelho.

E foi neste período de exploração que os primeiros vestígios de Vila Boa começam a surgir. As estradas eram realizadas em condições precárias, comunicação a longa distância apenas por carta ou mensageiros, a iluminação e saneamento básico do Arraial considerados insalubres.

ÁLBUM DE GOIÁS NO S

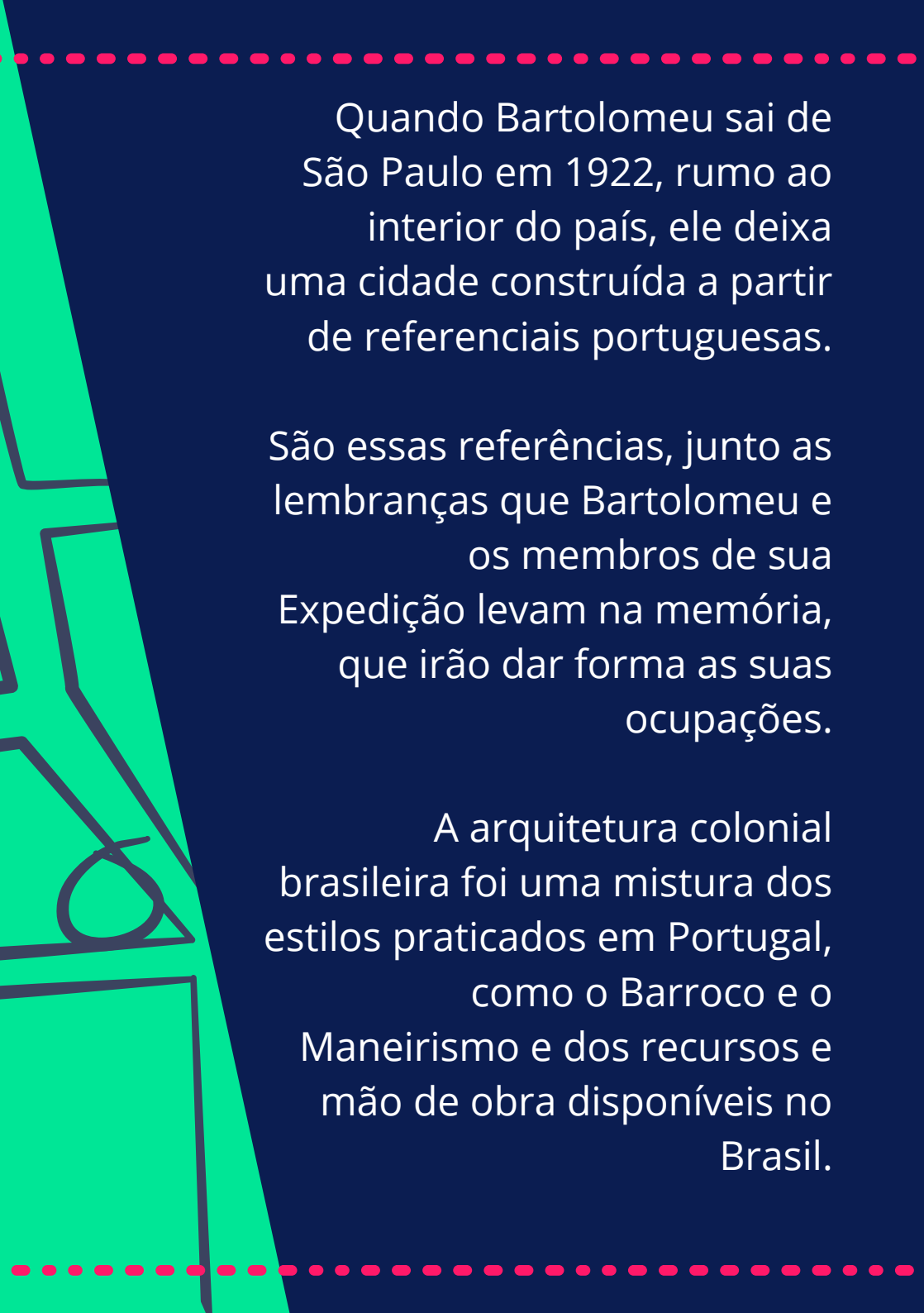


EU PRIMÓRDIO



ENQUANTO
ISSO EM
SÃO PAULO

◆◆◆



Quando Bartolomeu sai de
São Paulo em 1922, rumo ao
interior do país, ele deixa
uma cidade construída a partir
de referenciais portuguesas.

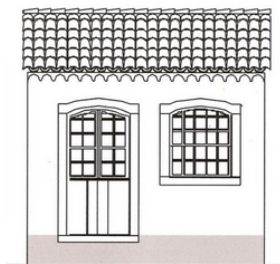
São essas referências, junto as
lembranças que Bartolomeu e
os membros de sua
Expedição levam na memória,
que irão dar forma as suas
ocupações.

A arquitetura colonial
brasileira foi uma mistura dos
estilos praticados em Portugal,
como o Barroco e o
Maneirismo e dos recursos e
mão de obra disponíveis no
Brasil.



**Amo e canto com ternura
todo o errado da minha
terra**

- Cora Coralina





A arquitetura civil era simples e sem grandes alterações entre elas e os edifícios públicos

eram símbolos de poder.

E as igrejas, por sua grande importância na sociedade colonial, recebiam maior cuidado em suas construções e geralmente possuíam autoria erudita.



*A Arquitetura, em sua “pedra e cal”, contém também elementos imateriais, ou seja, os *modus vivendi* e *modus operandi* dos povos. Estes elementos estão nela representados através dos seus conceitos, estilos, espacialidades, e também da sua tecnologia construtiva. A Arquitetura é, portanto, uma descrição densa das civilizações ao materializar os símbolos e revelar traços das culturas.*



Análise feita pela professora da Faculdade de Artes Visuais - UFG, Christine Ramos Mahler.

A mistura do conhecimento e técnicas da mão de obra escrava e indígena, junto com a matéria prima que se dispunha e as influências sofridas pelos estilos europeus formaram a arquitetura colonial brasileira.



EU

RO

PA



Existem, nas cidades medievais, dois locais considerados como sendo de convívio para seus habitantes, além, é claro, das ruas, como já foi

observado. São eles a praça do mercado e a praça da igreja. Situados em pontos diferentes dentro da malha urbana, raros são os casos em que mercado e igreja se defrontam em um mesmo logradouro, pois, apesar de possuírem a mesma finalidade de congregar ou reunir a população, cada um se utiliza de métodos diferentes, sendo também diferentes os objetivos. [...] No geral, são esses dois locais públicos e abertos, inseridos na malha urbana de forma diferente, que congregam a população, servindo como local de reuniões tanto religiosas quanto profanas, além de local divulgador de notícias e informações.



Nesse período, grande vai ser o desenvolvimento de projetos para espaços de uso público, que se organizam de duas formas distintas: destinados basicamente ao uso de pedestres, excluindo a possibilidade de uso por carros, ou como forma de destacar a fachada de um determinado edifício, justificando-se apenas como função estética e estando situados à margem da via pública, envolvida pelo edifício, que tem um trecho de sua fachada recuado para que aí se estabeleça esse espaço.



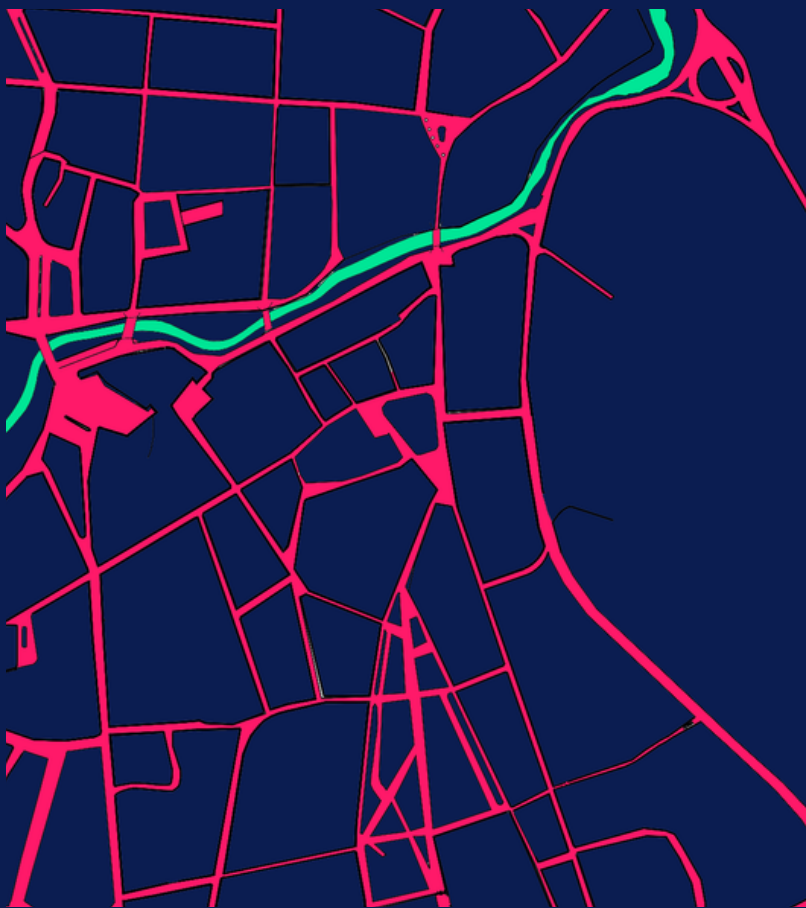


O artista abandona o ato simples de copiar a história ou mesmo a geometria invisível do universo como forma de composição do espaço, para buscar dentro de si mesmo os elementos e os valores de expressão que passa a utilizar na transformação plástica do mundo que o cerca.

No que se refere à organização do espaço urbano, o Maneirismo abandona o ideal geométrico da regularidade renascentista em favor de um maior dinamismo, sem, no entanto, voltar à irregularidade formal da Idade Média.

Visando a integrar as sete principais basílicas romanas, o papa Sisto V pretendeu, durante o seu pontificado (1585-1590), estabelecer vias entre elas, que definissem contatos e incentivassem sua visitação, visando a valorizar a fé católica, oferecendo uma visão geral do conjunto.





O grande achado do Barroco foi então a possibilidade de criar uma cidade que se apresentasse como obra de arte da percepção visual imediata, utilizando, como recurso primordial, a perspectiva [...].

As grandes praças foram uma criação romana, mas a interligação das construções com a natureza foi uma realização francesa, complementando as propostas italianas. O que as difere é que, em Roma, glorificava-se o poder da fé católica e na França glorificava-se a afirmação do poder absolutista, o grande componente político do Barroco, crescente a partir da segunda metade do século XVII.



Formação do espaço urbano nas vilas do ouro: o caso de Vila Boa / Gustavo Neiva Coelho.



VI
LA
BO
A

A Cidade de Goiás é erguida no século XVIII, em pleno Período Colonial. Assim, a cidade se desenvolve arquitetonicamente através de uma mistura cultural de povos indígenas, negros e europeus.



[...] as culturas indígena, negra e europeia deixaram traços arquitetônicos importantes e até paradoxais.



Análise feita pela professora da Faculdade de Artes Visuais - UFG, Christine Ramos Mahler.

Ademais, além da forte relação comercial, política e arquitetônica que existia entre Vila Boa e a Europa, os costumes também eram algo que a população importava do exterior. Sendo mais evidente nas famílias abastadas da cidade. No entanto, essa cultura passa a se mesclar com a população da cidade, se tornando a identidade peculiar e conhecida do goiano da Goiás Velho.



[...] faz descrição de costumes de cumprimentos, a burguesia que se mostrava e vivia da própria fama, assim como as fofocas comuns em ambientes tais. [...] 'Cumprimentar todos os amigos. Lá está o coronel Nogueira. Boa noite! Será que cumprimentei direito? Que dei um sorriso amável? Ser delicada e atenciosa... não falar muito alto... não ficar de cara fechada!... Seu Faria e seu Lima... boa noite... cruz! Como é que seu Valério está barrigudo!... Nossa Senhora!... parece mulher que vai ter neném! Ai, meu Deus! Não deixe que eu ria, não! Tenho que ficar séria. Mamãe recomendou...' (p. 83)



Análise feita pelo professor e poeta
Bento Alves Araujo Jayme Fleury Curado
da obra de Rosarita Fleury, " Elo da
mesma corrente".





[...] o antigo padrão começou a ser substituído pelas exigências do amor romântico, ainda que continuasse a depender de algumas obrigações em relação às tradições patriarcais. [...] Outro fator que acena para essa nova fase é a ida dos filhos dos senhores de engenho, de fazendeiros e de profissionais liberais para estudarem nas universidades europeias. Assim, esse momento assinala os modos de vida burgueses introduzindo-se em nossa sociedade, mesmo antes da industrialização. Rosarita Fleury destaca, dessa maneira, o período em que a população se diferencia segundo níveis econômicos e principalmente culturais, em que alguns estratos da sociedade, como a família do cel. Alfredo, adotam requintes e arremedos dos estilos de vida europeus como sinais de distinção.



A representação das personagens femininas em Elos da mesma corrente, de Rosarita Fleury [manuscrito] / Joilza Adriana de Sousa.

Minha cidade tem...

Minha cidade é...

Eu sinto na minha cidade...

Eu percebo na minha cidade...

Eu vejo na minha cidade...

Eu gosto na minha cidade...

Eu...

Minha cidade não tem...

Minha cidade não é...

Eu não sinto na minha cidade...

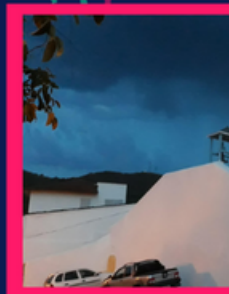
Eu não percebo na minha cidade...

Eu não vejo na minha cidade...

Eu não gosto na minha cidade...

Eu não...

NOSSO ALBÙM DA CIDA



MADE DE GOIÁS





BIBLIOGRAFIA

Paisagem goiana na obra literária |
<https://www.dm.jor.br/opiniaio/2015/08/192725/>

Rosarita Fleury |
<https://www.opopular.com.br/noticias/80-anos/rosarita-fleury-1.1491254>

Cora Coralina e a ressignificação da cidade de Goiás |
<http://www.paginasmovimento.com.br/cora-coralina-cidade-de-goi%C3%A1s.html>

Rosarita Fleury ; Elos da mesma corrente – 50 anos, por Ercília Macedo- Eckel |
<http://www.erciliamacedoescritora.com.br/Rosarita%20Fleury.pdf>

A representação das personagens femininas em Elos da mesma corrente, de Rosarita Fleury [manuscrito] / Joilza Adriana de Sousa. |
<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3243/1/JOILZA%20ADRIANA%20DE%20SOUSA.pdf>

Formação do espaço urbano nas vilas do ouro: o caso de Vila Boa / Gustavo Neiva Coelho.

Arquitetura, por Christine Ramos Mahler |
<https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/03%20-%20ARQUITETURA.pdf>

Um Diário da Cidade| Zine produzido e apresentado na disciplina de Teoria da História da Arquitetura e do Urbanismo.

DOCENTES

Diogo Sakai

Luciana Silva

PRODUZIDO POR:

Ana Clara Vieira Costa

Aline Mendes Linhares Goes e Souza

Mariângela dos Santos Souza

Renan Duarte Specian